

MULHERES SURDAS: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES A PARTIR DAS SUAS NARRATIVAS

Silvanleide Costa de Almeida¹

Resumo: O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de mestrado em andamento intitulada “Mulheres Surdas: Construção de Identidades a partir das suas narrativas. Das múltiplas identidades que permeiam a sociedade, será destacado em especial a identidade da mulher surda do município de Alagoinhas/Ba. Suspeita-se que por conta das diferenças que permeiam nossa sociedade a pesquisa tem a relevância a partir de duas grandes áreas de movimento e estudo que a rodeiam, a surdez e o feminismo bem como o que a faz representar uma minoria que luta, se firma e se empodera. Com base nesta ideia central, a pesquisa apresenta como problemática: Quais identidades são construídas por mulheres surdas a partir de suas vivências na condição de pessoa surda feminina? Considerando essa suspeita, pretende-se com essa pesquisa: Analisar a construção das identidades de mulheres surdas do município de Alagoinhas/Ba a partir das suas narrativas. Deseja-se também: Discutir o conceito de cultura e identidade surda e sua relação com a identidade e cultura ouvinte; Identificar aspectos e características da identidade feminina surda; Compreender como mulheres surdas do município de Alagoinhas/Ba constroem suas identidades a partir das suas narrativas. A metodologia utilizada será através de abordagem qualitativa com revisão bibliográfica, pesquisa de campo junto a um grupo de mulheres surdas no município de Alagoinhas/Ba, entrevista estruturada em vídeo e questionário adaptado em Libras. Nesta perspectiva, a pesquisa ancora-se em (FOUCAULT, 2000); (HALL, 1995); (LOURO, 2000); (MOREIRA, 1998); (SKLIAR, 1998). Como resultados espera-se que a pesquisa

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Prof. a Dr. a Lícia Maria de Lima Barbosa. Endereço eletrônico: silvanleidealmeida2009@hotmail.com.

possa contribuir para a visibilidade e relevância das experiências, percursos subjetivos da vida de mulheres surdas.

Palavras-Chave: Identidades. Feminismo. Surdez.

INTRODUÇÃO

Dissertar sobre a construção de identidades de um sujeito é de extrema responsabilidade. Sobretudo se esse sujeito for uma pessoa com uma diferença/deficiência ou singularidade distinta do pesquisador/a. A exemplo de uma pessoa branca que tem sua pesquisa no campo das lutas antirracistas em relação a populações negras e indígenas ou uma pessoa heterossexual que resolve pesquisar sobre questões de gênero e sexualidades voltadas a comunidade LGBTQ e por aí segue. Eu me encontro, na tentativa de analisar uma temática relativamente desconhecida para mim. E o desafio é grande visto que a análise da construção de identidades parte do pressuposto das narrativas das mulheres surdas envolvidas na pesquisa. Acredito que as mulheres surdas são as principais pessoas a falar por si, já que um dos intuitos desse trabalho é fortalecer a voz de muitos que foram silenciados historicamente, no caso, mulheres surdas.

Nesta perspectiva o presente trabalho trata de uma pesquisa acerca da construção de identidades de mulheres surdas a partir das suas narrativas. A priori, se faz necessário salientar que a pesquisa surgiu a partir de inquietações na Iniciação Científica e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), onde foi pesquisado sobre a alfabetização do surdo em uma abordagem bilíngue. Ou seja, havia o desejo de compreender como se dava a alfabetização da pessoa surda. Ao final dessa pesquisa tivemos como resultados a perspectiva de alfabetização na língua materna que é a língua de sinais e somente depois em Língua Portuguesa escrita como segunda língua (L2). Posteriormente, durante o curso básico de Libras, através do contato com a Língua Brasileira de Sinais e com uma pessoa surda, o desejo de retomar a pesquisa foi crescendo. De início era pesquisar sobre as dificuldades de letramento e aquisição da linguagem encontradas pelo sujeito surdo pois havia uma colega que possui um

irmão surdo mas não tinha acesso a sua língua materna, logo questionou-se de qual forma ele poderia adquirir uma língua sem contato com a comunidade surda e ainda mais uma segunda língua (L2). E foi, justamente, essa proposta inicial como anteprojeto para adentrar no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural — um programa que visa dar visibilidade aos grupos minoritários e sendo a pessoa surda um sujeito que foi historicamente silenciado, meu projeto se encaixava nos critérios do Programa.

Entretanto, ao iniciar as preparações para o primeiro SIP/Interlinhas houve um desejo em alinhar duas grandes paixões em minha vida. Não queria abrir mão do meu sujeito de pesquisa — que foi, é, e continuará sendo a “pessoa surda” mas outro desejo crescia: pesquisar sobre as contribuições da tecnologia na inclusão da pessoa surda no município de Alagoinhas/Ba. Seria essa também, uma pesquisa de grande relevância social visto que há um crescente número de pessoas surdas sendo ‘inclusas’ na sociedade através das mídias sociais e assim, iniciei a pesquisa realizando um levantamento de dados e bibliografia do que já foi produzido no que concerne ao tema. Porém, percebi-me bem distante da linha de pesquisa que ancora meu estudo no Pós Crítica, o que me inquietou bastante.

Ao iniciar mais um semestre, fiz a disciplina Linguagens na sala de aula e pude conhecer a diversidade de Linguagens, Identidades e pluralidade cultural que permeiam nossa sociedade, tive a percepção que não devemos nos referir às identidades, gêneros, sexualidades, étnico-raciais como algo engessado e pronto mas como algo em constante construção e transformação. Um recorte me chamou atenção: a questão das identidades femininas. Comecei a indagar a minha construção enquanto mulher, o que me inquietou de tal forma que após uma longa conversa na orientação da pesquisa, resolvi ajustar o trabalho de modo a contemplar a construção das identidades da mulher surda. E então cheguei ao viés dessa pesquisa com a seguinte problemática: Quais identidades são construídas por mulheres surdas a partir de suas vivências na condição de pessoa surda feminina?

Considerando essa questão, pretendo com essa pesquisa: Analisar a construção das identidades de mulheres surdas do município de Alagoinhas/Ba a partir das suas narrativas. Deseja-se também: Discutir o conceito de cultura e identidade surda e sua relação com a identidade e cultura ouvinte; Identificar aspectos e características da identidade feminina surda; Compreender como mulheres surdas do município de Alagoinhas/Ba constroem suas identidades a partir das suas narrativas.

A metodologia utilizada será através da abordagem qualitativa com revisão bibliográfica, pesquisa de campo com um grupo de mulheres surdas no município de Alagoinhas/Ba, entrevista semiestruturada em vídeo e questionário adaptado em Libras. Nesta perspectiva, a pesquisa ancora-se em (FOUCAULT, 2000); (HALL, 1995); (LOURO, 2000); (MOREIRA, 1998); (SKLIAR, 1998). Como resultados espera-se que a pesquisa possa contribuir para a visibilidade e relevância das experiências, percursos subjetivos da vida de mulheres surdas.

GÊNERO E SURDEZ

No Brasil, a combinação dessas duas categorias de análise (gênero e surdez) é um assunto relativamente pouco discutido. Não há muitos estudos que unam a questão do gênero com a surdez. Tal questão está começando a ser discutida entre os surdos no Brasil, que tinham (e ainda têm) outros temas em sua pauta de reivindicações, como a divulgação da Libras — Língua Brasileira de Sinais, o acesso à informação (exigência de filmes brasileiros e de programas de TV com legendas ou com janelas de interpretação na língua de sinais), à educação, à saúde pública e ao mercado de trabalho.

A discussão acerca do estigma de ser mulher com deficiência parece estar presente tanto no discurso das mulheres quanto no dos homens surdos que, muitas vezes, consideram a situação da mulher surda quase que beirando a tragédia (SÁ, 2006). Vê-la como diferente, de um modo geral, significa o mesmo que deficiente. Mas a diferença pode ser entendida sob outro viés: como significação política, é construída histórica

e socialmente; é um processo e um produto de conflitos e movimentos sociais, de resistências às assimetrias de poder e de saber, de uma outra interpretação sobre a alteridade e sobre o significado dos outros no discurso dominante (SKLIAR, 1998, p. 6).

Diante disso, cabe realizar pesquisas sobre como a mulher surda se identifica ou não com essas diferenças e como ela se vê diante daquelas pessoas que dizem que ela é ‘diferente’. Neste caso, insere-se uma pesquisa sobre gênero para que se possa abarcar esta questão. A autora Guacira Louro (2000) chama a atenção para o fato de que o conceito de gênero não se relaciona com os papéis femininos e masculinos que existem na sociedade, uma vez que isso seria redutor, deixando de lado as interações face a face juntamente com as formas de poder que emergem entre os gêneros. Desta forma, o gênero é parte integrante das múltiplas e plurais identidades dos sujeitos. E é neste rumo que este trabalho de pesquisa tomará uma direção.

Deste modo, as relações de poder imbricadas na análise da temática em destaque serão investigadas. Conforme Louro (2000, p. 14), o conceito de gênero começou a ser utilizado não só para se refletir as questões relacionadas com as mulheres, mas também “passou a analisar-se a construção social e cultural do feminino e do masculino, atentando para as formas pelas quais os sujeitos se constituíam e eram constituídos, por meio de relações sociais de poder” (LOURO, 2000, p. 14).

Vale ressaltar que os Estudos de Gênero, entre outros, nomeadamente os Estudos Feministas, preocupam-se com as relações de poder, de forma a mostrar a submissão e a opressão a que as mulheres sempre estiveram submetidas. É na relação com as/os outras/os, no interior das redes de poder que “são instituídas e nomeadas as diferenças e desigualdades” (LOURO, 1999, p. 43).

No caso das(os) surdas(os), estas relações de poder sempre existiram. A sociedade majoritária (ouvinte) é que domina, fazendo com que algumas(ns) surdas(os) estejam dependentes das/os ouvintes, “o

sujeito surdo é referido como o “incapaz” de receber informações e experienciar relações no seu cotidiano” (MOREIRA, 1998, p. 102).

MULHER SURDA, FEMINISMO E DESLOCAMENTO DE IDENTIDADES

Moreira (1998) fala da emergência da mulher surda como um deslocamento de identidades, trazendo a categoria do gênero para dentro da discussão dos Estudos Surdos. Em suma, a autora trabalha a partir de três eixos: o dos Estudos Culturais, o dos Estudos Surdos e os estudos de gênero, ou seja, vê a surdez como apenas uma das múltiplas identidades das mulheres surdas, de acordo com as ideias de Hall (1999), e entende-a como uma questão epistemológica, unindo-se a narrativas que pretendem desconstruir, narrativas que vê a surdez como uma patologia a ser corrigida.

Uma análise acerca dos Estudos Surdos escritos sobre a mulher surda e suas relações de gênero e sexualidades deste tipo cabe a contribuição de autores como Scott (1990), Louro (2007) e Foucault (2000) para a discussão de gênero e sexualidades. Moreira (1998) afirma que a questão do gênero e sexualidade da mulher surda parte do pressuposto de um enfoque meramente biológico, uma vez que o corpo da pessoa surda, para o autor, é um corpo doente, deficiente, incapacitado e, por conseguinte, assexuado. Assim, realizar uma pesquisa sobre a construção de identidades da mulher surda pode se constituir como importante material para conhecer como se dá sua inscrição no mundo social e como elas se reconhecem.

Reforça-se que é, também, de suma importância o papel do outro para a construção da identidade, uma vez que é na relação com o outro que se percebe e se atribui sentido às características de cada indivíduo. Assim, identidade e diferença são conceitos que estão intrinsecamente relacionados. Pode-se considerar a identidade de diversas maneiras, como a identidade do indivíduo, a identidade coletiva de um grupo, ou como um processo de construção social (WENSING, 2005). Então saber como a mulher surda constrói a sua identidade e quem a conceitua (e

quais são esses conceitos) interessam à produção do texto sobre a temática apontada.

A identidade é socialmente construída através de diferenças, das quais as diferenças entre os sexos é a mais evidente (WENSING, 2005). Esta autora refere-se a “eixos de diferença” para indicar dimensões como raça, gênero, etnicidade, classe e sexualidade que interferem nas lutas de poder e que funcionam como marcos de identidade (WENSING, 2005, p. 87). As recentes teorias feministas implicam múltiplas identidades e dão ênfase à diversidade de vozes e experiências das mulheres, portadoras ou não de deficiência (GARLAND-THOMSON, 2005).

Estas teorias visam uma alteração de perspectivas normativas, apelando à mudança de consciência da sociedade de forma que esta tenha um olhar não negativo face às mulheres, mas sim integrador das suas características e singularidades. Harding (1991) realça a importância das teorias feministas, as quais estão centradas nas diferenças de gênero e nas diferentes situações entre mulheres e homens.

Diante disso, é possível inferir que a discussão do tema está estreitamente relacionada à cultura surda, a qual está, por sua vez, relacionada à identidade do sujeito que “(con)vive, quase sempre, com duas comunidades (surda e ouvinte)” (GESUELI, 2006, p. 280). Ainda seguindo o pensamento da mesma autora, a identidade surda alia-se à cultura surda havendo um “processo de recriação de um espaço cultural visual, o que se configura como espaço de resistência. Clifford Geertz (1993) apresenta o conceito de cultura como sendo semiótico, ou seja, tal como Max Weber afirmou, o sujeito tem as suas teias que vai tecendo, a que vai atribuindo significado, e não leis, e é a esse mesmo significado que corresponde a cultura.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir das narrativas de três mulheres surdas do município de Alagoinhas-Bahia que se procurará compreender de modo mais

aprofundado como se reconhecem na comunidade em que vivem e como são reconhecidas, aproveitando-se das suas experiências singulares e únicas sobre um tempo e espaço para fornecerem igualmente perspectivas sobre um tempo e espaço coletivo.

Será utilizado, como método, a narrativa biográfica. Como refere Bourdieu (2001, p. 696), não basta agir enquanto investigadora para controlar a interação quando da narrativa (nomeadamente no que diz respeito à linguagem, sinais verbais e não verbais), é, também, necessário agir “sobre a própria estrutura da relação [...], portanto na própria escolha das pessoas interrogadas e dos (as) interrogadores (as)”. Reconhecendo as especificidades e singularidades dos sujeitos, optar-se-á pela construção de três narrativas biográficas. Estas mulheres serão de faixas etárias diferentes, de forma a perceber as particularidades vividas por estas três mulheres surdas que passaram por diferentes experiências.

Os sujeitos adquirem, assim, uma enorme importância neste estudo estando envolvidos ao longo de todo o trabalho. Reconhece-se que a sua implicação é crucial e que a sua “experiência pode constituir-se num manancial poderoso de conhecimento sobre os quotidianos ao mesmo tempo que pode potenciar possibilidades científicas e margens políticas para a transformação social” (FONSECA, 2005, p. 162). Deste modo, são importantes não só as pessoas e as suas vidas, mas também o contexto em que elas se inserem de modo a refletir as suas experiências numa temporalidade histórica. Tal como refere a autora supracitada, para esta investigação serão mobilizadas perspectivas biográficas culturais inseridas numa epistemologia feminista “que procura descobrir diversos sentidos da vida” (FONSECA, 2005, p. 187).

A atenção epistemológica, teórica e metodológica dada à análise de percursos biográficos é importante para se perceber que caminhos vão traçando e construindo, enquanto mulheres surdas. Por isto, analisar-se-ão percursos de vida de três mulheres surdas de diferentes gerações de forma a compreender de que modo, tanto em nível social, familiar como profissional e educativo, estas mulheres foram se relacionando e participando numa sociedade maioritariamente ouvinte. Deste modo,

pretende-se contribuir para a “visibilidade e relevância das experiências, percursos e subjetividades das vidas femininas” (ARAÚJO; MAGALHÃES, 1999, p. 133).

Assim, este estudo se valerá da entrevista narrativa, pois, desta forma, os sujeitos participantes terão maior possibilidade de dar seus testemunhos e relatar os seus modos de vida.

Para tanto, será solicitada uma intérprete para efetuar a tradução e interpretação das entrevistas biográficas, a fim de que as mulheres surdas se sintam à vontade para tratar dos assuntos a serem abordados. Para uma melhor adequação aos objetivos, optar-se-á pela abordagem qualitativa em pesquisa, utilizando as técnicas das entrevistas semiestruturadas (TURATO, 2003). As entrevistas serão utilizadas a fim de permitir uma maior aproximação em relação ao fenômeno a ser estudado.

Para Bleger (1980), a entrevista permite uma flexibilidade na relação pesquisador/pesquisado, reduzindo os efeitos de uma imposição direta da problemática a ser investigada e facilitando, desse modo, a interação com os sujeitos entrevistados. De fato, nas entrevistas semiestruturadas, "o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa" (TRIVINOS, 1987, p. 146).

Para respaldar as falas colhidas nas narrativas das participantes, esta pesquisa se utilizará da revisão bibliográfica, partindo dos estudos de pesquisadores versados na área de identidades surdas, de gênero e identidades, além disso, as ferramentas teóricas da Crítica Cultural para trabalhar na desconstrução de conceitos naturalizados, no momento em que se busca focar o ponto de vista daquele que é considerado como minoritário (mulher surda) e posicionar o texto a partir do seu lugar de fala.

Para amparar toda a fundamentação dessa pesquisa foi feito um levantamento através do Estado da Arte em que concerne ao que foi produzido de mais recente nessa temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as ponderações feitas, neste texto, não existe uma única identidade surda, também não existe uma única cultura surda que remeta para toda uma diversidade dentro das comunidades de surdas(os). Compreende-se então que as(os) surdas(os) não se caracterizam somente pela sua surdez, mas possuem um conjunto de características próprias que as(os) diferencia das(os) ouvintes e de outras(os) surdas(os). Pode-se ser surda/negra, surdo/negro/, surda/branca, surdo/branco, gay, lésbicas, de classe popular, da área rural, urbana, entre outros, e estas pessoas surdas podem estar inseridas noutras culturas minoritárias como cultura negra, indígena, imigrantes. Logo, a discussão é muito mais ampla e multifacetada do que se imagina.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Helena Costa; MAGALHÃES, Maria José. Des-fiar as vidas. Perspetivas biográficas, mulheres e cidadania. In: *Separata de: Coeducação: do princípio ao desenvolvimento de uma prática: actas do Seminário Internacional*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 133-139, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: Pierre Bourdieu (Org.). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 693-713.
- BLEGER, J. *Temas de Psicologia: Entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Estudos Femininos sobre Deficiência. Sinais. *Revista de Mulheres na Cultura e Sociedade*, volume 30, 2, 2005.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação de Culturas: ensaios selecionados*. Londres: Fontana Press, 1993.

GESUELI, Zilda Maria. *Lingua(gem) e identidade: a surdez em questão*. Educação e Sociedade, volume 27, 94, 277-292, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a14v27n94.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2020.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, 4. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 105p.

HARDING, Sandra. “Introdução: teoria dos pontos de vista como um local de debate político, filosófico e científico”, em Sandra Harding (Ed.) *A leitora feminista de teoria dos pontos de vista: controvérsias intelectuais e políticas*. Nova York: Routledge, 1-16, 2004.

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

LOURO, Guacira. *Currículo, gênero e sexualidade*. Coleção Currículo, Políticas e Práticas, n. 5. Porto: Porto Editora, 2000.

LOURO, Guacira. Gênero, Sexualidade e Educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas, *Educação em Revista*, 46, 201-218, 2007.

MOREIRA, Sandra. A mulher surda e suas relações de gênero e sexualidade, *In: Carlos Skliar (Org.). A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Edições Mediação, 95-103, 1998.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 16, n. 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

SÁ, Nídia Limeira (2006). *Existe uma cultura surda?*, *Cultura, poder e educação de surdos*. São Paulo: Paulinas, 2006. Disponível em: www.eusurdo.ufba.br/arquivos/cultura_surda.doc. Acesso em: 13 mar. 2020.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. *In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, C. *Atualidade da educação bilíngue para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

TESKE, Ottomar. A relação dialógica como pressuposto na aceitação das diferenças: o processo de formação das comunidades surdas. In: Carlos Skliar (Org.). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998. p. 140-156.

TRIVINOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em Educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TURATO, E.R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes, 2003.

WENSING, Pien. Encontros de Prospero e Caliban – *Identities pós-coloniais em Foe e Baía dos Tigres*. Dissertação de Doutorado. Universidade de Utrecht, Utrecht, 2005. Disponível em: <http://igitur-archive.library.uu.nl/student-theses/2006-0324-083009/UUindex.html>. Acesso em: 16 mar. 2020.